



Nós da Rede

O jornal do professor da Rede Pública Municipal de Ensino | Ano I | Número 1 | Rio de Janeiro | Outubro | 2017

Um griot na Pavuna

Aos 82 anos, senhor Romeu cultiva uma horta que é fonte de alimentos e remédios para a comunidade onde vive. Pág. 6.



Avaliação em xeque

Anderson Paulino faz uma analogia com o jogo de xadrez para falar de aprovação automática e reprovação. Pág. 9.

Entrevista

Conversamos com Antônio Diogo Araújo de Souza, aluno da E.M. Rio de Janeiro, sobre as razões que o levaram a se inscrever para participar deste jornal. Pág. 10.



Editorial

Lilian Ferreira

Outubro, mês dos professores! Não à toa, este foi o mês escolhido para o lançamento de mais um ponto de encontro para expandir a sala dos professores.

Resultado de uma nova iniciativa da MultiRio em parceria com a SME, o jornal *Nós da Rede* é um veículo de troca de opiniões, saberes, experiências, criatividade e talento dos mais de 40 mil professores de nossa Rede, que podem contribuir não só com textos opinativos, mas também com dicas culturais, sugestões acerca do uso de novas tecnologias e socialização de experiências bem-sucedidas no cotidiano escolar. Além disso, podem enviar entrevistas feitas por professores com integrantes da comunidade escolar, bem como crô-

nicas, poesias, narrativas de humor etc.

Neste mês dedicado ao professor, a crônica *Obrigado, Dona Catarina* conta como ocorreu o inusitado encontro entre um professor e aquela que fora sua professora.

Em ano de escolha consultiva de gestores e também dos representantes do CEC, esta edição traz relevante reflexão sobre os desafios impostos à consecução e à consolidação das democracias contemporâneas em seu sentido amplo, além de apontar questionamentos de como se pode vislumbrar um cenário escolar realmente democrático.

Vale, ainda, conferir o artigo acerca da avaliação e das vicissitudes dos procedimentos de aprovação e reprovação que foram instituídos na Rede nos últimos 16 anos, pondo em xeque a dicotomia entre aprovação automática e reprovação.

Conheça, também, o relato de quem optou por trabalhar em uma escola de educação especial, desmitificando eventuais pré-conceitos sobre seu trabalho, e a proposta inovadora de “inclusão inversa” desenvolvida por sua unidade escolar.

Na seção Perfil, não deixe de conhecer a história de vida do senhor Romeu, *Um Griot na Pavuna*, e, na seção cultural, o texto sobre os cem anos da animação brasileira, que traz dicas de como trabalhar animação em sala de aula através do Anima Escola.

Bem-vindo à primeira edição do jornal *Nós da Rede!* Este jornal é seu! Feito para e por você, professor da maior Rede Pública Municipal da América Latina!

Lilian dos Santos Ferreira é PEF regente de Sala de Leitura da E.M. Azerbaijão e elemento da E/ 7ªCRE/GIN.



Cinco minutos com a Moretti

A experiência diferenciada da E.E.M. Ação Cristã Vicente Moretti no trabalho de inclusão de seus alunos. Pág. 3.

Espia só quanta coisa irada!



#professor

O e-mail institucional como uma poderosa ferramenta de comunicação

Vinícius Farias

Sabe aquele edital de vacância? Perdeu o período de inscrição para aquela formação? E aquele processo seletivo para a produção de itens? Então, todos foram enviados ao e-mail institucional das escolas, dos professores e demais funcionários da SME-Rio.

Na era digital, a informação é o que há de mais precioso. Estar bem informado é um dos principais benefícios deste início de século XXI. Pensando nisso é que pretendo, com este texto, auxiliar professores, gestores, demais funcionários da Rede e alunos a utilizar um e-mail institucional com o padrão nome@rioeduca.net. A ferramenta é um instrumento importante

para garantir a comunicação ágil, direta e segura.

Além do e-mail, é possível ter acesso a uma série de outras funcionalidades, como armazenamento de arquivos na nuvem, com capacidade de 1.024 gigabytes (o Google Drive, por exemplo, oferece 15 gigabytes), formulários online, pesquisa de outros e-mails institucionais por nome, possibilidade de baixar até cinco pacotes Office gratuitamente, entre outras opções.

Estamos falando de economia de papel, de serviços de manutenção de equipamentos de impressão, da consciência ambiental e da fluidez da informação. Ter um e-mail institucional também transmite profissionalismo e credibilidade,



uma vez que ele mostra a função e a escola ou o setor no qual se está lotado.

Servidores ou alunos que ainda não possuem o e-mail precisam entrar em contato com o Helpdesk, nos telefones 0800-0316341 ou 4501-4018. Esse setor está disponível também para esclarecer dúvidas e solucionar problemas técnicos relacionados à ferramenta.

“Poxa, mas eu uso o Gmail e gosto tanto dele. Quero ter meu e-mail profissional, mas continuar usando o Gmail.” Isso não é um problema; é perfeitamente possível integrar a sua conta de e-mail institucional com a do Gmail ou de qualquer outro provedor.

Caso prefira, você envia e recebe e-mails usando a mesma interface do Gmail.

Hahaha...
Até eu já
estou
usando!

Pitacos da
D. Aurora



Vinícius Farias é PI de Língua Portuguesa, atualmente elemento de equipe da Gerência de Inovação e Tecnologia Educacional da Sube.

Expediente

Marcelo Crivella

Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro

César de Queiroz Benjamim

Secretário Municipal de Educação – SME

Caique Botkay

Diretor-Presidente da Empresa Municipal de Múltiplos – MultiRio

Conselho Deliberativo

Simone Monteiro (SME);
Lysbeth Libonati (MultiRio);
Camila Marchon (8ª CRE)

Conselho Consultivo

Renata Silva Dias (1ª CRE);
Magaly Peres (3ª CRE);
Paulo Ney Cinelli Luzes (4ª CRE);
Liliane Ravani (5ª CRE);
Márcia Elisa

Lopes Silveira Rendeiro

(6ª CRE); Paulo Jorge dos Santos Fleury (7ª CRE);
Camila Marchon (8ª CRE);
Denise Resende (9ª CRE);
Vanessa Ribeiro dos Santos (11ª CRE).

Rafael Carneiro Monteiro

Ilustrações

MULTIRIO

Ivan Kasahara

Regina Protasio
Produção e edição

Andrea Boechat

Gustavo Rocha Fonseca
Revisão

Marcelo Salerno

Assessoria de Artes Gráficas e Animação

Ana Cristina Lemos

Gerência de Artes Gráficas

Aloysio Neves

Projeto Gráfico e Editoração

45.000

Tiragem

Nova Imprensa Oficial do

Estado do Rio de Janeiro

Gráfica

Raio-X da Rede

A Rede do Rio

Somos a maior rede de educação pública da América Latina: 40.355 professores, divididos em 11 Coordenadorias Regionais de Educação. Com o objetivo de detalhar o potencial da Rede, apresentamos o nosso raio-X.

Liliane Ravani

1ª CRE

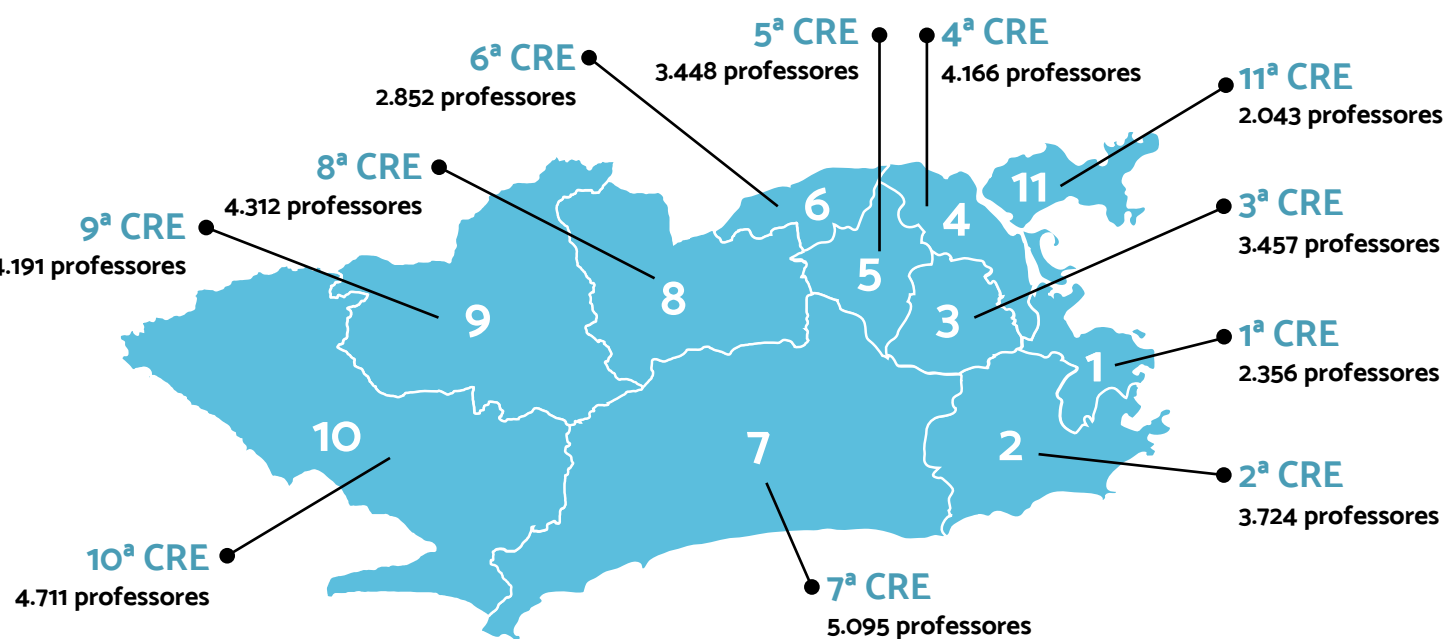
Caju, Santa Teresa, Morro dos Prazeres, Mangueira, Cidade Nova, Praça Mauá, Rio Comprido, Centro, São Cristóvão, Gamboa, Paquetá, Estácio, Santo Cristo, Saúde, Praça da Bandeira, Catumbi, Benfica.

2ª CRE

Laranjeiras, Jardim Botânico, São Conrado, Lagoa, Vidigal, Alto da Boa Vista, Urca, Tijuca, Comunidade Chacrinha, Gávea, Maracanã, Praça da Bandeira, Copacabana, Morro dos Cabritos, Grajaú, Vila Isabel, Morro Nova Divineia, Rocinha, Flamengo, Andaraí, Catete, Botafogo, Cosme Velho, Ipanema, Humaitá, Glória, Leme, Leblon.

3ª CRE

Bonsucesso, Inhaúma, Água Santa, Todos os Santos, Engenho Novo, Engenho da Rainha, Ramos, Complexo do Alemão, Rocha, Jacaré, Benfica, Lins de Vasconcelos, Engenho de Dentro, Tomás Coelho, Jacaré, Pilarres, Riachuelo, Piedade, Sampaio, Cachambi, Ma-



ria da Graça, Encantado, Del Castilho, Higienópolis, Cascadura, Méier, Jacarezinho.

4ª CRE

Bonsucesso, Maré, Penha Circular, Vila da Penha, Penha, Olaria, Cordovil, Ramos, Benfica, Ramos, Vigário Geral, Brás de Pina, Parada de Lucas, Jardim América, Mangueiros, Pavuna.

5ª CRE

Bento Ribeiro, Vista Alegre, Irajá, Tomás Coelho, Quintino Bocaiuva, Vila da Penha, Oswaldo Cruz, Vigário Geral, Guadalupe, Vila Kosmos, Campinho, Vicente de Carvalho,

Honório Gurgel, Cavalcanti, Marechal Hermes, Penha, Rocha Miranda, Colégio, Turiaçu, Vaz Lobo, Coelho Neto, Cascadura, Madureira.

6ª CRE

Pavuna, Cascadura, Ricardo de Albuquerque, Anchieta, Barros Filho, Guadalupe, Coelho Neto, Parque Anchieta, Parque Colúmbia, Acari, Deodoro, Irajá, Colégio.

7ª CRE

Rio das Pedras, Itanhangá, Curicica, Fraguaes, Jacarepaguá, Cidade de Deus, Gardênia Azul, Anil, Praça Seca, Barra da Tijuca,

Recreio dos Bandeirantes, Tanque, Vargem Grande, Pechincha, Vargem Pequena, Taquara, Vila Valqueire.

8ª CRE

Campo dos Afonsos, Guadalupe, Vila Militar, Deodoro, Realengo, Santíssimo, Jardim Sulacap, Senador Camará, Magalhães Bastos, Bangu, Padre Miguel, Marechal Hermes, Lote São José.

9ª CRE

Inhoaíba, Campo Grande, Santíssimo, Cachamorra, Nova Iguaçu, Guaratiba, Cosmos, Paciência, Araújo de Cosmos, Senador Vasconcelos.

10ª CRE

Santa Cruz, Guaratiba, Paciência, Sepetiba, Jardim Maravilha, Pedra de Guaratiba, Barra de Guaratiba, Campo Grande, Cosmos.

11ª CRE

Ilha do Governador, Galeão, Tubiacanga, Jardim Carioca, Jardim Guanabara, Zumbi, Moneró, Tauá, Itacolomi, Cacuia, Pitangueiras, Portuguesa, Bancários, Praia da Bandeira, Freguesia.

Liliane Ravani é PEI na E.M. Acalanto/5ª CRE.

(In)visibilidades

Cinco minutos com a Moretti

Elisabete Fernandes
Dias de Castro

Aí você chega e diz:

– Trabalho numa Escola Especial.

A reação das pessoas que ouvem isso beira o surrealismo...

– Sério? Isso existe? O que eles fazem? Eles aprendem? Coitada!!! Como você faz? Que legal!!! Você deve ser uma pessoa muito abençoada, né?... – e por aí vai.

Não sou um ser de outro mundo, nem nossos alunos são... Nosso trabalho é como o de qualquer outra unidade escolar. Seguimos as Orientações Curriculares com as devidas adaptações necessárias a cada particularidade do aluno. Seguimos o calendário

oficial da SME e temos nossos PEIs como qualquer outra unidade escolar que atende alunos com necessidades especiais. A diferença é que nossa clientela é só de alunos com deficiências múltiplas (mais de uma deficiência simultaneamente).

Nossa realidade é única e cada aluno é específico em suas necessidades.

Vivemos num mundo globalizado e aproximado pela internet e, ao mesmo tempo, individualizado, onde cada um vive numa bolha e não interage com o próximo, a não ser através de um teclado e uma tela de LCD... Para quebrar isso, precisamos nos aproximar, conhecer e respeitar o outro na sua individualidade.

Inclusão Inversa: traz o aluno de escolas regulares para participar de atividades na Moretti

Nosso Projeto Anual de 2017 é: Valorizando e Respeitando as Diferenças com Ziraldo. Sim, respeitar e valorizar o que cada um tem de diferente. Nessa busca, uma das atividades que têm surtido mais efeito na nossa escola é a que carinhosamente chamamos de Inclusão Inversa, que traz o aluno da escola regular para participar de atividades em nossa unidade, para mostrar que todos são iguais, apesar das diferenças, e todos colaboram para que as atividades sejam realizadas.



Geralmente são atividades lúdicas e os conteúdos utilizados já foram trabalhados em sala ou são de conhecimento geral, sendo uma forma divertida de fixar e revisar. Uma história é criada pelos professores para inserir os conteúdos e ser o fio condutor da atividade. Assim foi no Dia do Índio, no Dia Mundial da Orientação e no circuito junino. Com os personagens do autor Ziraldo, as atividades se tornam bem prazerosas, propiciando a interação necessária para alcançarmos os objetivos.

Buscamos sempre realizar atividades coletivas com nossos alunos, pois, assim, mostramos a ne-

cessidade de colaboração e solidariedade para com o próximo. Ao fim de cada bimestre, realizamos essa Inclusão Inversa como uma culminância do período. Enfim, isso é só um pouquinho da nossa querida escola E.E.M. Ação Cristã Vicente Moretti. Ficou curioso? Venha nos visitar na Rua Maravilha, 308, em Bangu, ou virtualmente, em nossa página: [/www.facebook.com/vicente.vicentemoretti](https://www.facebook.com/vicente.vicentemoretti). Nosso diretor é Jorge Ricardo Guerra; diretora adjunta, Elaine Maria de Oliveira Mello.

Elisabete Fernandes Dias de Castro é coordenadora pedagógica da E.E.M. Ação Cristã Vicente Moretti/8ª CRE.

Cotidianidades

Tecendo saberes

Para além dos Cadernos Pedagógicos

Denise Barreto de Resende

O início do ano letivo trouxe muitas expectativas, novos projetos, planejamento, 25 anos do Ciep Pontes de Miranda. Bastante entusiasmada, tinha em mente o que considero uma das coisas mais importantes no meu fazer pedagógico: buscar, a todo momento, possibilidades para que os alunos se enxerguem como sujeitos e se reconheçam como autores de suas práticas.

Entretanto, como planejar uma aula que dê conta de todas as demandas do 5º ano com um olhar voltado para o protagonismo do aluno, promovendo reflexões e desenvolvendo seu senso crítico?

A proposta inicial, da apostila de Ciências, deu ênfase ao tema Diversidade Humana. Com base no Caderno Pedagógico e na aula 1 de Ciências da Educopédia, iniciamos nossas discussões, que se desdobraram em outras atividades que compartilho aqui. Os Cadernos e outros recursos metodológicos constituem-se em mais um apoio à nossa disposição, ampliando as possibilidades de discussão de conceitos e de formação de habilidades.

A partir desse conteúdo, foi proposto à turma produzir um texto coletivo. Enquanto a tempestade de ideias ia se desenhando, eu escrevia tudo que falavam. Mas, antes, perguntei qual gênero discursivo seria utilizado, e um dos alunos respondeu



Confira o *Rap da Diversidade* em: https://youtu.be/jErknOLwK_Y



Confira o *Rap da Diversidade* em: https://youtu.be/jErknOLwK_Y

rapidamente: “Vamos fazer um poema. As rimas deixam tudo mais bonito”. No momento em que organizávamos o texto, uma aluna começou a lê-lo, cantarolando. Toda a turma acompanhou, surgindo, assim, o *Rap da Diversidade*. Cada um fez seu autorretrato e organizamos, dessa forma, o mural da sala.

Uma roda de conversa sobre bullying trouxe muitas questões para discussão

No dia seguinte, enquanto cantavam e contavam para os colegas que haviam faltado, um aluno observou: “Agora a gente precisa mesmo respeitar as diferenças e parar de zoar os outros”. Essa fala foi um gancho para outro assunto muito pertinente: o bullying. Fizemos, então, uma roda de conversa. Posso dizer que alguns alunos não se

sentiram à vontade para se colocarem. Em razão disso, no outro dia, como sugestão para a produção textual, pedi que escrevessem uma carta a um amigo contando se já tinham sofrido bullying, ou mesmo praticado, e como mudariam essa realidade nas escolas. Muitas coisas foram trazidas à tona. Preservando o anonimato dos alunos, comentei o que tinha lido, demonstrando quanto fiquei impactada com as falas.

Na semana seguinte, estávamos nos preparando para um evento cultural da escola. O 5º ano iria dançar *Mulata Iê, Iê, Iê*. Antes de propor a ideia, fiz uma pesquisa e encontrei muitas discussões acerca de algumas marchinhas de carnaval. Em vez de descartá-la, levei a polêmica para a sala de aula. Com o suporte de entrevistas encontradas em sites, jornais e TV, o questionamento foi: deve-se ou não cantar uma marchinha polêmica? Depois

de tanta discussão, cada um escreveu e compartilhou sua opinião. Foi um movimento bastante interessante, pois, à medida que eles expunham suas ideias, suas vozes se faziam presentes mais uma vez, e carregadas de sentidos!

Enfim, as atividades realizadas vieram ratificar a minha concepção de aprendizagem e de linguagem, que leva em conta a interação e o diálogo, as interpretações ou leituras que os alunos fazem de si mesmos e do mundo.

Tudo foi bastante significativo e ainda permanece presente em nossos diálogos, até porque, quando respeitamos as diferenças, fazemos da nossa casa, da escola, da cidade UM LUGAR DE PAZ.

Denise Barreto de Resende é professora de Ensino Fundamental do 5º ano do Ciep Pontes de Miranda/9ª CRE.

Perfil



Pâmela Souza da Silva

Márcia Elisa Rendeiro

“A escrita é uma coisa. E o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. É a herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.” Essas palavras, vindas da distante República do Mali, pela voz do mestre Tierno Bokar Salif, morto em 1940, na lonjura da África de imagens mais remotas, servem para apresentar a figura ilustre de Romeu Felisberto de Andrade: o senhor Romeu.

Onde e quando ou quando e onde? Na manhã do dia 2 de agosto de 2017, em meio à Praça do Condomínio Village Pavuna, nos limites da cidade, em um dos últimos bairros antes da vizinha Baixada Fluminense, em uma região margeada pela Estrada Rio do Pau e no caminho para várias comunidades, entre as quais o Chapadão, famoso por

seu complexo e por dar peso e consistência ao termo “área de risco”.

Encontro meu personagem em dia de sol de inverno, descalço, na plenitude dos seus 82 anos, varrendo a calçada na entrada da Rua Iguaíba Grande, 65. À frente da vassoura, observa-se não um, mas dois espaços alternativos, surgidos entre prédios da mes-

ma rua. Um deles abriga uma casa bem simples, margeada por uma horta; e outro, colado a uma escola, desdobrado em detalhes de calçada, concreto e terra de roça: uma fábrica de natureza, como uma farmácia a céu aberto (definição dada por ele mesmo).

Ao manter e ampliar esses dois espaços, senhor Romeu encontrou uma ocupação e um sentido. Dizer que ele complementa a sua renda vendendo hortaliças e plantas seria reduzir por demais a sua existência naquele lugar, todo ele permeado de histórias. Talvez o mais correto fosse dizer que ele é uma espécie de ancião do dedo verde, um *griot* moderno, um narrador.

Esclareço de imediato a minha pretensão: produzir uma reportagem sobre ele, considerando o seu reconhecido trabalho na

comunidade, a boa fama adquirida entre moradores, diretores, professores e alunos que circulam na região. Explico que sou professora, abusadamente atuando como dublê de repórter. Ele me ouve com atenção, procurando palavras para começar uma conversa que duraria umas três horas, cercada de encantamento e com inúmeras interrupções.

Luxo é a palavra mais apropriada para descrever a experiência e a sabedoria que ele transmite em pouco tempo de conversa

Pintor, aposentado, nascido na Cidade do Carmo (interior do estado),

tendo vivido na Rocinha e em Madureira, com oito netos e nove bisnetos e há mais de 20 anos no Village, senhor Romeu é alguém que parece ter saído de um luxuoso livro de histórias. A despeito da concretude de sua simplicidade, luxo é a palavra mais apropriada para descrever a experiência e a sabedoria que saltam sobre nós em pouco tempo de conversa.

Uma vez aceita a empreitada, ao contrário do conforto de uma cadeira, ele me convida a circular pela praça. E, com a naturalidade de quem domina o que faz, segue parando árvore a árvore, descrevendo a proposta da qual muito se orgulha, de ter assessorado os alunos na tarefa de jardinagem, reconhecendo o processo que resultou em pequenos arbustos, vestígios de uma beleza possível.

Cibalena, confrey, café, cajá, mostarda, taioba, aipim, algodão, couve, quatro qualidades de boldo, assa-peixe, poejo; entre um ou outro morador que interrompe a nossa prosa para perguntar, pedir e beber na fonte do velho senhor. Às vezes, ao longo do momento, divago sobre a veracidade daquele quadro, imaginando o desafio de colocar o senhor Romeu como uma figura real. Afinal, enquanto conversamos, no entorno circulam motos, vemos passar gente ligada à ronda da área, somos vistos e vigiados; mais à frente, no acesso ao condomínio, destaca-se uma feira, a de quarta-feira, perto de uma boca de fumo, entre tantas que ali orbitam, na naturalidade dos dias ensolarados; amigos de longa data nos param para abraçar e perguntar alguma coisa. *Minha muda de onze-horas, o senhor viu? Carqueja, senhor Romeu, preciso de carqueja urgentemente.*

Quando, enfim, consigo sentar ao lado dele, vejo-o desfiar um rosário de histórias sobre a sua trajetória. Descreve em minúcias os antigos e famosos moradores, fala de associações de moradores, de políticos que conheceu e de políticas que atravessaram o tempo, discurso de uma memória que se move pelos afetos. Fala de sua admiração pelo Jongu da Serrinha, pelo samba, elogia professores e diretores que o receberam com carinho.

Mais adiante, vai dentro de casa e volta com um livro de apontamentos, testemunhos e registros de sua odisseia ambiental. O homem tem uma riqueza de anotações. Por elas, percebo o alcance e a magnitude de seu trabalho. Plantou árvores ali e um pouco mais longe, esteve inúmeras vezes em parques e jardins, brigou pelo plantio e pelo cuidado do verde em todas as cercanias, inventou para si mesmo uma profissão.



Pâmela Souza da Silva

O livro grande, marcado por muitas assinaturas, tem páginas e páginas de feitos do senhor Romeu. Documentos de uma vida inteira, patrimônio simbólico de um homem que aprecia e guarda conhecimento sobre as plantas, práticas arquivadas como um saber que se prepara para virar legado.

A essa altura, penso no cuidado que preciso ter com os adjetivos, para não cair no ridículo da fã diante do artista. Estico a conversa e ele me fala de seus planos. Entre muitos, discorre sobre um projeto em parceria com a professora de Artes Pâmela Souza, da E.M. Levy Miranda, a ideia de um jardim suspenso, à base de velhos pneus, restaurando um muro e levando as crianças ao plantio de sementes. Enquanto ele dá detalhes dessa ideia, eu tento fotografar seus passos em meio à pequena horta-jardim; ele me mostra um pé de chuchu carregado, banana-da-terra, aipim e sementes de mostarda. Descubro que,

além do poejo, uma tal de “vique”, com cheiro de “vicke”, faz milagres para curar gripe.

Do jardim suspenso, ele segue narrando o trabalho de plantio e o cuidado com sementes que marcou a sua atuação em outro local, perto dali, a E.M. Grandjean de Montigny. Chama a minha atenção a gratidão com que se refere aos diretores e professores das escolas em que esteve presente todos esses anos, pedindo licença para entrar ou sendo convidado para falar de suas plantas. Não reproduzo os nomes que ele cita, mas ouço com atenção uma lista enorme, guiada por sua narrativa. Senhor Romeu não economiza palavras para falar do seu sonho: a formação do jovem aprendiz que atuasse como um protetor do meio ambiente. Tem pressa de se fazer ouvir por outros meninos como ele.

De minha parte, deixo passar as horas, vejo com

pesar que a bateria do celular está acabando, registro fotografias antigas e anoto palavras apressadamente. Volto a falar com ele sobre a proposta do jornal, da possibilidade da reportagem, do inusitado e feliz momento de ver que ainda há chance para ter seu trabalho reconhecido. Não sei se ele atenta para isso, caminha pé no chão, solene e literalmente. Tenho ânsias de lhe falar sobre a África, sobre os *griots*, sobre educação, sobre oralidade, patrimônio imaterial, questões ambientais ou humanitárias. Verborragias ou acadêmês, senhor Romeu está adiante disso, um passo à frente, sofisticadíssimo em sua simplicidade. Horas depois dessa matéria-prosa-conversa-reportagem, só faço pensar em aprender e não perder de vista o meu professor Romeu.

Márcia Elisa Rendeiro
é PI de História e
elemento do GED/
6ª CRE.



Pâmela Souza da Silva

Opinião

Conselho Escola Comunidade: eleições à vista!

Concebido para ser um mecanismo de integração e participação democrática, o pleno funcionamento do CEC é um desafio para as unidades escolares

Magaly Peres

Os conselhos escolares começaram a ser implantados no país com a Constituição de 1988, que determina a forma da gestão do ensino público. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1991, reforça o papel dos conselhos no fortalecimento de uma gestão democrática e na construção da autonomia escolar. Os conselhos também são responsáveis pela gestão e fiscalização de algumas verbas que a escola recebe, por exemplo, as que são provenientes do Ministério da Educação.

O Conselho Escola Comunidade (CEC) é o órgão consultivo das unidades escolares na Rede Pública Municipal de Educação do Rio de Janeiro. A Prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Educação (SME), estabelece os parâmetros que o CEC deve seguir, incluindo a eleição de professores, funcio-

nários, alunos e responsáveis para integrarem o conselho. O CEC foi concebido para ser um mecanismo de integração e participação democrática. O grande desafio é torná-lo um espaço permanente de participação no desenvolvimento da unidade escolar.

Historicamente, no Brasil, as decisões na esfera pública são do tipo vertical e a escola, nas suas relações, não é diferente. Salvo exceções, só recentemente a escola passou a integrar a comunidade escolar nas discussões sobre pautas e demandas. Daí não é difícil entender por que, ao longo dos anos, tenho ouvido de professores que “na prática, a teoria é outra”, quando se trata da gestão democrática, referindo-se ao pouco espaço de discussão e tomada de decisões.

Mas os desafios não são apenas relativos à gestão vertical. O espaço escolar é diverso – diferentes concepções de educação, gestão, participação

coexistem. Em algumas situações, ideias opostas umas das outras fazem parte do cotidiano. Conciliar as diferentes visões e/ou encontrar um caminho coerente é, em si, um desafio significativo. Ao que se soma a situação de violência na cidade, que gera um estado de emergência constante.

Essa diversidade diz respeito tanto a funcionários e equipe pedagógica quanto aos alunos e seus familiares. Por outro lado, como a Rede Pública Municipal de Ensino do Rio é muito grande, imaginem as muitas e distintas experiências existentes. Contudo, nos fóruns de debate sobre o CEC – seja nas Coordenadorias Regionais de Educação (CREs) ou na SME –, observo ao menos três modos distintos de funcionamento.

Há conselhos cuja existência é *pro forma*, sem reuniões mensais e com membros, por vezes, indicados pela Direção. Não há consulta ao corpo

docente sobre prioridades para o uso das verbas, inclusive as destinadas a atividades pedagógicas. Outros realizam, com algum grau de participação, certos aspectos que o estatuto do CEC determina, mas suas atividades estão focadas na solução de problemas disciplinares de alunos e demandas do nível central.

Em ambos os casos, não há atividades de integração entre o CEC e o cotidiano da escola. O terceiro tipo é aquele em que o CEC é parte ativa da escola, instrumento de integração com a família, ator na consolidação do projeto político-pedagógico. Trata-se de escolas menos centralizadoras, que valorizam a sua equipe e estimulam seus alunos a participar.



O momento é de avaliar o que foi feito e lançar propostas para os próximos anos

Os membros do CEC são eleitos a cada três anos, na mesma época da escolha para as direções das escolas. A última eleição ocorreu em 2014; portanto, a partir de outubro de 2017 começa um novo processo de renovação dos conselhos e das direções. É o momento propício para um balanço do que foi feito e propostas para os próximos anos. Estimule o debate e participe!

Magaly Peres é PI de Espanhol da E.M. Eurico Salles/3ª CRE.

Avaliação em xeque

Nos últimos 16 anos, a questão da avaliação na SME-Rio ficou marcada por duas preocupações: reprovação e aprovação automática

Anderson Paulino de Souza

Há duas décadas, o Brasil precisava vencer o desafio da universalização da educação básica (ampliar o acesso e garantir a permanência do aluno no sistema educacional). E, muito resumidamente, pode-se dizer que a implementação dos ciclos de formação, entre os anos 2002 e 2008, apostou num processo de avaliação que, dando ênfase ao ciclo de vida e à história e subjetividade do sujeito que aprende, procurava reduzir a evasão e o abandono. Convidava o docente ao uso da avaliação como instrumento de diagnose e replanejamento para a promoção da aprendizagem do aluno. Eram tempos em que predominava a cultura da reprovação, o uso da avaliação como um instrumento de poder, de subjugação, de “acerto de contas”.

Por mais cuidadosa e democrática que tenha sido, a implementação dos ciclos de formação, ao colocar em xeque o velho hábito da reprovação, gerou, ainda que de modo indesejado, o nas-

cimento do que se habituou chamar de “aprovação automática”.

Entre 2009 e 2016, o primeiro ato oficial do governo anterior foi o de enfrentar essa chaga a partir de um decreto do “fim da aprovação automática”.

Se os ciclos de formação foram impotentes para dissolver e mudar a questionável cultura da reprovação, a tentativa de abolir por decreto a aprovação automática, ao fim e ao cabo, mostrou-se um infortúnio que apenas manteve, tacitamente (seja pela aquisição de projetos de correção de fluxo, seja pelo estabelecimento de um teto máximo para reprovação de alunos por turma), a mesmíssima famigerada aprovação automática.

Pegando carona nesse excelente jogo que, felizmente, anda em alta na Rede – o xadrez –, seria como se aquele xeque, que fora dado no Rei Reprovação, no lance seguinte fosse desfeito pela Rainha Aprovação Automática, que, ao ocultá-lo aparentemente, o manteve reinando (ainda que levemente



golpeado!). Nesse difícil jogo da consolidação da educação pública de qualidade para todos, o Rei Reprovação é avesso ao igualitarismo e, ao reprovar, ofusca a ideia da “educação para todos”, delegando à sua rainha, a “aprovação automática”, a missão de ferir ninguém menos que a tão desejada “qualidade”.

É preciso rever nossa concepção de avaliação e colocá-la em prática desde o nível central até a sala de aula

Enquanto a rainha ardidosa protege seu rei

perverso, torço para que, numa jogada de mestre, possamos rever nossas estratégias e aplicar um xeque-mate. Noutras palavras, isso implica a tarefa de rever nossa concepção de avaliação e, principalmente, de colocá-la em prática desde o nível central até a sala de aula. Ter senso de coerência. Precisamos reconhecer que, em educação, avaliação só faz sentido se for para recuperar a cada dia a oportunidade de desenvolvimento, seja do aluno, do professor, do diretor ou dos gestores do nível central e intermediário.

Saber avaliar é habilidade crucial do educador, e sua essência includente e seu caráter emancipatório devem vigorar desde

a avaliação feita no nível central, passando por aquelas realizadas nas CREs e na EPF, até as que acontecem nas salas de aula. É preciso reduzir a distância entre o que se prega e o que se faz. Refundar a concepção de avaliação praticada na maior rede de ensino da América Latina, de modo que tanto o ato de aprovar automaticamente quanto o de naturalizar a reprovação sejam percebidos como renúncia à educação.

Oxalá chegue o tempo de avaliar para cuidar que o aluno aprenda!

Anderson Paulino de Souza é PI de Educação Física da E.M. Lúcio de Mendonça/ 6ª CRE.

Conversas



Alberto Jacob Filho

“Quero contribuir com o meu melhor”

O que leva um aluno do 8º ano do Ensino Fundamental a participar de um encontro para professores com o objetivo de criar um jornal? Com certeza, uma educação de qualidade

Liliane Ravani

É impressionante como o apoio e a motivação provocam no aluno o desejo de adquirir conhecimentos e novos saberes. Nesta entrevista, Antônio Diogo, aluno da Escola Municipal Rio de Janeiro, no Jacarezinho, diz o que o levou a se inscrever para participar do primeiro encontro do jornal *Nós da Rede*, na Escola de Formação Paulo Freire, em 5 de julho. O jornal é uma iniciativa da MultiRio em parceria com a Secretaria Municipal de Educação.

Em entrevista ao jornal *Nós da Rede*, o aluno Antônio Diogo Araújo de Souza, 14 anos, afirma que suas matérias prediletas são Língua Portuguesa, História e Ci-

ências. Ele faz parte do Projeto Gazeta Carioca, jornal produzido por alunos, que já teve duas edições e que contempla colunas de esporte, linha do tempo (conta a história da escola), eventos etc. Segundo ele, o *Gazeta Carioca* tem como objetivo informar os alunos sobre os acontecimentos da comunidade escolar, dar dicas e falar da história da escola, que é exatamente a coluna que está sob sua responsabilidade.

Nós da Rede – Por qual motivo você se inscreveu para participar do jornal *Nós da Rede*?

Antônio Diogo – Por ter gostado muito da ideia.

NR – Como teve conhecimento do jornal?

AD – Através das redes sociais, num grupo do Facebook chamado Rioeduca.

NR – O que você achou da ideia?

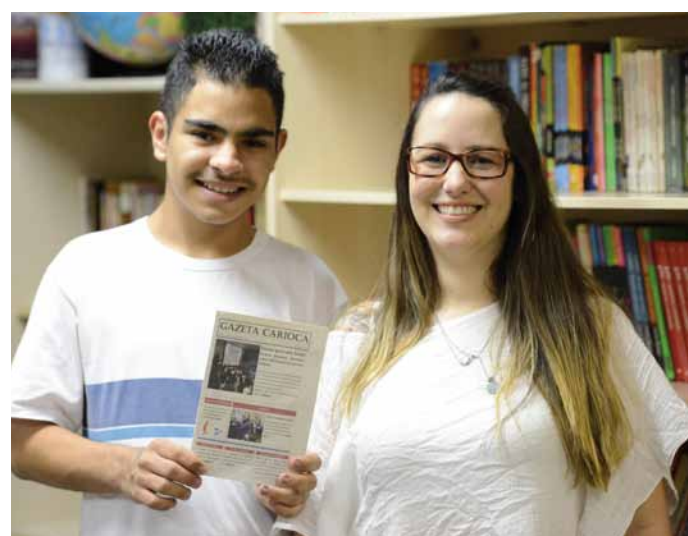
AD – Excelente! Afinal, fiquei surpreso quando vi que fui o único aluno a participar do jornal. Fico muito feliz!!!

NR – Quando participou da reunião, sua expectativa foi alcançada?

AD – No início, quis desistir, mas tive o incentivo da professora Jessica Bretas, que me acompanhava e, agora, espero que eu faça o meu trabalho de forma correta.

NR – Você gosta de escrever? Gostaria de participar do jornal? De que forma?

AD – Sim. Ainda não sei como participar, mas



Alberto Jacob Filho

Antônio Diogo com a professora Jessica Bretas.

quero contribuir com o meu melhor.

NR – O que você gostaria de ler nesse jornal?

AD – Mais cultura e entretenimento.

NR – Você indicaria sua escola e seus professores para uma matéria? Qual seria o assunto?

AD – Sim. Indicaria uma matéria sobre o

Gazeta Carioca, que é o jornal produzido por nós, alunos. Já temos duas edições e estamos a caminho da terceira. No terceiro número do *Gazeta* há uma matéria sobre a minha professora de Música. Tá bem legal!

Liliane Ravani é PEI na E.M. Acalanto/5ª CRE.

Cultura

Curta a história!

Animação brasileira completa 100 anos

Luciana Bessa

Em 2017, comemoramos 100 anos da exibição de *Kaiser*, o primeiro curta de animação brasileiro. Foi no dia 22 de janeiro de 1917, no cinema Pathé, na Cinelândia, a estreia do filme criado por Seth, pseudônimo do cartunista Álvaro Martins. Não há nenhuma cópia física da animação, somente uma imagem que faz uma referência sarcástica ao expansionismo alemão em meio às tensões da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). De lá para cá, a animação brasileira tem conquistado cada vez mais reconhecimento no mercado internacional.

Parte desse prestígio é atribuída a um feito inédito: a conquista de três prêmios no Festival de Annecy, na França, considerado pelos profissionais da animação como o Cannes do desenho animado. Em 2014, *Uma História de Amor e Fúria*, de Luiz Bolognesi, recebeu o prêmio de melhor longa-metragem. No ano seguinte, *O Menino*

e o Mundo, dirigido por Alê Abreu, foi premiado como melhor longa pelo público e pelo júri. Em 2015, *Guida*, de Rosana Urbes, trouxe para o Brasil o prêmio de melhor primeiro curta. E, para arrematar, em 2016, *O Menino e o Mundo* concorreu ao Oscar de melhor longa de animação.

As animações produzidas pelas escolas públicas municipais do Rio são exibidas em importantes festivais

As animações brasileiras não estão apenas nas telas das salas de cinema. Elas também chegaram às escolas. Professores e alunos utilizam cada vez mais essa linguagem para expressar seus sentimentos e contar suas histórias, algumas delas exibidas em festivais internacionais. É o caso, por exemplo, de *Brincadeira de Criança*, produzida pelo



Confira a animação *Maria Vai com as Outras* em: https://youtu.be/LgCYz3_pRig

Ciep Presidente Agostinho Neto. A animação foi selecionada, em 2012, pelo 11º Festival Internacional de Cine Nueva Mirada para la Infancia y la Juventud, da Argentina, e de *Maria Vai com as Outras*, da E.M. Burle Marx, exibida no mesmo ano, também na Argentina, durante o 9º Festival Iberoamericano de Cortos Imágenes Jóvenes en la Diversidad Cultural. Em 2017, seis animações produzidas por professores e alunos da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro foram exibidas no Anima Mundi,

um dos mais importantes festivais de animação do mundo.

Se você deseja conhecer um pouco mais sobre técnicas de animação e experimentar com seus alunos essa forma de contar histórias, fique atento aos cursos oferecidos pelo Anima Escola. Desde 2001, a SME possui parceria com essa instituição e vem investindo na formação de alunos e professores nessa linguagem. São mais de 2.300 professores capacitados e 362 filmes produzidos durante esse período. A

cartilha do Anima Escola, distribuída aos participantes do curso, está disponível para download gratuito no site: <http://www.animaescola.com.br/br/documentos>

Ficou curioso em conhecer algumas das produções tratadas nesta matéria? Acesse o canal do Anima Escola no YouTube e assista com seus alunos na sala de aula: <https://www.youtube.com/user/animaescola>

Luciana Bessa é PII, lotada na Gerência de Mídia-Educação da SME.

Animações de escolas exibidas no Anima Mundi 2017

Título	Unidade	CRE
A Família de Quadriláteros	E.M. Roraima	4ª
Asurini	Ciep Poeta Cruz e Sousa	8ª
Chá com Shakespeare	E.M. Roberto Burle Marx	7ª
Ciranda do Caranguejo	E.M. Professor Vieira Fazenda	10ª
História do H	E.M. Pires e Albuquerque	5ª
Uma Aventura Eletrizante	E.M. São Sebastião	7ª

E eu com isso?

Desafios para a democracia contemporânea

Paulo Jorge Fleury

Faz parte de um senso comum consolidado que a democracia é o único regime político com capacidade de promover e garantir a aceitação dos governados. A crescente hegemonia do arranjo político democrático fez com que muitos regimes políticos buscassem firmar, para si mesmos, a adjetivação de “democrata”, ainda que tal designação, nem de longe, acolhesse algumas das práticas das democracias ocidentais, tais como a liberdade de expressão,

a livre organização partidária, o voto secreto, a efetivação das garantias e também dos direitos fundamentais...

As democracias contemporâneas são, em grande parte, representativas, o que as coloca em um plano distinto da democracia ateniense. Apesar de termos nos apropriado da palavra “democracia” e de um conjunto de representações que a cerca, as instituições básicas que compõem o perfil representativo das democracias contemporâneas são estranhas à democracia grega clássica.

A consecução de ordens democráticas em formações estatais tão extensas e complexas como as existentes em nosso mundo somente pode se dar pela via da representação política, o que impede a participação direta da sociedade nas tomadas de decisão político-administrativas, na prestação jurisdicional e nas atividades legislativas, tal como se dava na prática democrática da Atenas clássica.

Ainda que tenhamos nos apropriado de um imaginário virtuoso relacionado à prática democrática

dos “antigos”, o campo da política nunca se constituiu como o paraíso das virtudes. Na Atenas clássica, a participação dos cidadãos nos processos decisórios e legislativos era, majoritariamente, de apoio ou de desagrado em relação às propostas dos “bem-nascidos”, que eram treinados por professores sofistas na arte da argumentação. E, ao final da Era Clássica ateniense, a representação de interesses privados ou corporativos começava a se instalar nas assembleias dos cidadãos.

Segundo o cientista político e professor da Universidade de Brasília Luis Felipe Miguel, em sua obra intitulada *Democracia e Representação*, publicada pela Editora Unesp, a configuração de uma ordem democrática está sujeita a desafios que se tornam mais complexos quando se trata da implementação de uma democracia representativa.

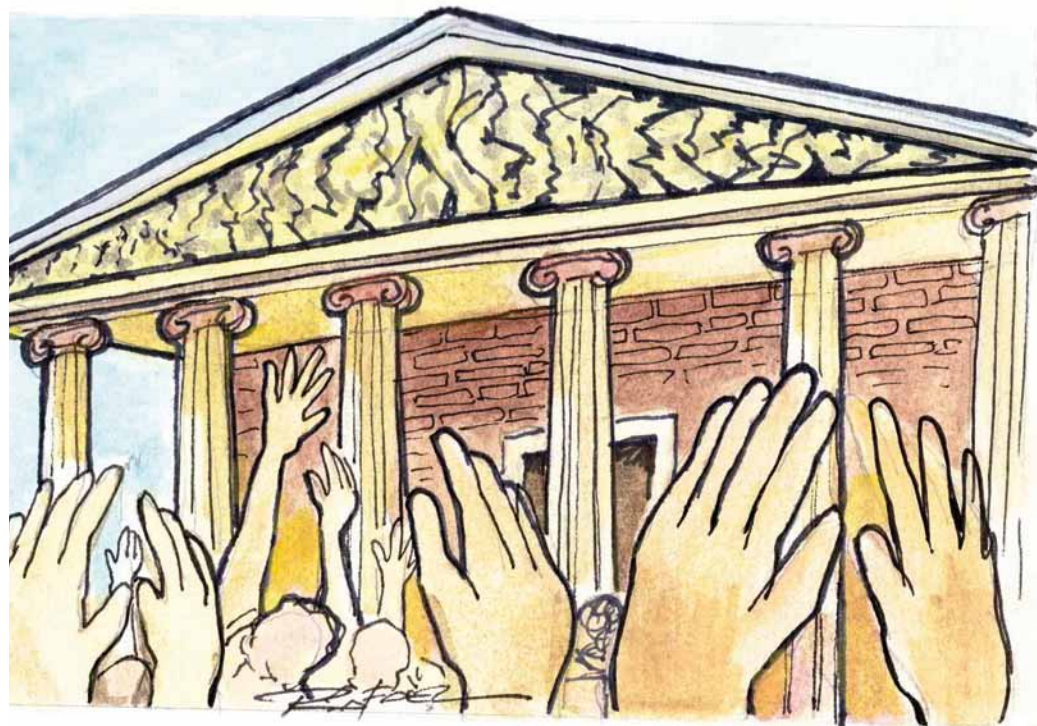
A manutenção de uma coesão social mínima em um contexto de livre expressão de interesses individuais ou de grupos, por vezes antagônicos, se constitui em um dos grandes desafios que se apresentam para a consecução de qualquer ordem democrática.

Outro desafio que se impõe à construção de um regime democrático diz respeito a lidar com as

diferentes capacidades de que dispõem os indivíduos para determinar seus interesses, suas preferências, a partir dos recursos cognitivos que possuem, o que coloca o problema da distância que existe entre a igualdade formal e as desigualdades concretas que se manifestam no mundo real.

Pode-se assinalar, ainda, como um terceiro desafio à consecução de uma ordem democrática, a possibilidade de que ocorra manipulação no processo de construção da “vontade coletiva”.

A democracia representativa está sujeita à degeneração demagógica e às práticas populistas. Há que se blindar a democracia contra o populismo e a demagogia. Não é uma tarefa fácil, mas pode se constituir em um caminho promissor para a configuração de uma cidadania plena no Brasil.



Já vi esse filme. Quer saber o final?

Pitacos da D. Aurora



Paulo Jorge Fleury é professor da E.M. General João Mendonça Lima / 7ª CRE.

Memórias

Obrigado, dona Catarina

Fernando Arosa

Não que eu estivesse com alguma saudade específica, não foi isso que me ocorreu; não que eu procurasse um sentimento para provocar em mim o desejo do choro para, enfim, represá-lo em momento de autopiedade, não por isso, mas mexi na minha caixa de fotografias, e isso tem lá suas consequências.

Uma fotografia ou outra passa pela rapidez da memória, ora com neutralidade, ora com aversão inconsciente, mas há imagens que travam os ímpetos e abrem uma plataforma de trem, uma paixão mal resolvida ou a saudade daquele amigo. A fotografia de hoje (me entreguei, faço muitas vezes isso) me colocou de volta no uniforme da escola municipal, ao lado de dona Catarina, e isso teve lá suas consequências...

Não que eu quisesse fugir da responsabilidade de me rever naquele garoto comilão, descabelado e suado de tanto correr no recreio, mas olhei a anacronia das vestimentas, do mobiliário da sala de aula e guardei comigo dona Catarina. Fui ao mercado cumprir a lista que me fora encomendada.

O supermercado é outro lugar de minhas memórias: saíamos todos às compras, não tínhamos com quem ficar, e meu pai, já no caixa, cumpria a árdua tarefa de tirar do carrinho aquilo que havíamos colocado sem permissão; era uma expectativa saber que biscoito ficaria, se ele permitiria o achocolatado ou o iogurte... Muitas vezes, hoje eu sei, fingia ter ele mesmo escolhido aqueles mimos.

Na tentativa de ser o mais breve possível, fui traçando estratégias pelos corredores, mas havia

um produto que não se apresentava com facilidade. Procurei daqui e dali, estiquei o pescoço à procura do que me faltava e tive a vida estancada, me vi aos 10 anos porque, do outro lado, de óculos na ponta do nariz, estava dona Catarina, minha professora querida, de voz rouca, cabelos sempre curtos e gestos seguros, uma maestrina impoluta. Sim, ela estava ali, e isso teve lá duas consequências: fui tomado pelo afeto dado a

mim por ela e não me contive.

Mentira, me contive, não poderia ser sem educação, afinal, ela me ensinara coisas das ciências, dos números, das linguagens, sobretudo da sobriedade; ela era sóbria ao falar, porém nunca sóbria ao fim do dia, quando beijava aluno por aluno. Fui, me coloquei ao seu lado, pedi ajuda para achar a tal farinha de rosca. Ela, resoluta, me alcançou o pacote, olhou pra mim,

acho que não me reconheceu... Não me negou um sorriso, e isso tem suas consequências...

Não fosse ela, naquele dia, teria se firmado em mim a sensação de um corpo sem lugar.

Fernando Arosa é professor de Língua Portuguesa, atualmente na Escola de Formação do Professor Carioca Paulo Freire, e elemento de equipe da Gerência de Formação Básica.



Formação

Gestão representativa

Princípio fundamental à escola pública carioca

Jonas Santos

Os temas de uma coluna não são fruto do acaso; são orientados pelo contexto. A considerar o processo de criação do *Nós da Rede*, o primeiro texto da coluna Formação não poderia ser outro senão sobre gestão representativa, sem apontamento de concepções extremistas. Assim entendi a proposta desse espaço destinado a nossa formação.

A gestão da educação pública se dá no tripé democracia, representação e participação. A direção dos projetos pedagógicos e dos recursos financeiros deve ser fruto da construção coletiva. As ações tomadas pela instituição devem ser produto da participação dos professores, dos alunos, dos pais e dos funcionários. Eis a comunidade escolar! Nela, o papel do gestor é garantir as falas das representatividades e

otimizar os projetos idôneos, organizados pelos agentes do espaço.

Evidentemente, a gestão é influenciada pelas políticas públicas. Os objetivos e as metas educacionais inscritos nos textos legais – políticas públicas – tornam-se concretos com a prática do gestor. Nesse sentido, há regulamentos que garantem uma gestão pautada na decisão do coletivo: Constituição Federal, artigo nº 206, inciso VI; Lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, artigo 3º, inciso VIII; Lei nº 13.005/14, Plano Nacional de Educação, artigo 2º, inciso VI, e artigo 9º.

A equipe da Secretaria de Educação precisa manter diálogo com o Conselho Municipal e, ambos, equipe e conselho, são responsáveis por normatizar, assessorar, fiscalizar e deliberar ações. Eles são mediadores e articuladores da relação entre cida-

dãos e recursos públicos da Educação.

Aqui no Rio de Janeiro, no Decreto nº 16.597, de 15 de abril de 1998, encontramos as finalidades, competências e composições do Conselho Municipal de Educação. Ele tem representação paritária do poder público e da sociedade civil e é garantida a participação do Comdedine-Rio, garantias inscritas na Lei Orgânica do Município.

Para ser gestor de uma escola carioca, é preciso passar por um processo seletivo, em que uma das etapas é a consulta à comunidade escolar. Entretanto, há dois pontos que precisam avançar: 1) consultar não é deliberar; é preciso um documento com força de lei que dê à comunidade escolar força de decisão; 2) discutir com os conselhos escolares os critérios que selecionarão a banca exa-

minadora e torná-los públicos para a categoria.

As responsabilidades inerentes ao Conselho Escola Comunidade – CEC são: 1) promover a integração escola-comunidade; 2) garantir espaços de discussão entre todos os segmentos da comunidade escolar; 3) contribuir com a organização e o funcionamento da unidade escolar; 4) assegurar a política de democratização do espaço da escola. No documento que regulamenta o Ensino Fundamental da Rede Pública do Município do Rio de Janeiro, encontramos garantida a participação da comunidade escolar por meio de seus organismos, como o Conselho Escola Comunidade e o Grêmio Estudantil, na gestão da unidade escolar.

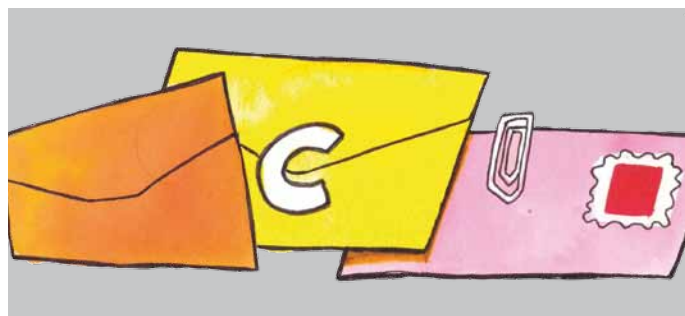
O protagonismo de um gestor democrático, no âmbito da SME até aos espaços escolares, proporciona a conscientização

do espaço público como lugar de (co)participação das decisões orçamentárias e pedagógicas. Nas instituições públicas, o coletivo deve ser a marca das decisões. O gestor democrático avança, timidamente, naquilo que Anísio Teixeira defendia: “Só existirá democracia no Brasil no dia em que se montar no país a máquina que prepara as democracias. Essa máquina é a escola pública”.

Enfim, o poder não está situado em núcleos hierárquicos, mas nas reflexões-ações coletivas dos sujeitos iguais. As políticas de democratização da escola não são opções, mas um avanço nos embates relacionados a administração, função e finalidade adequadas ao espaço escolar.

Jonas Sales dos Santos é PEF da E.M. Júlia Lopes de Almeida/1ª CRE.

#partiuprofessor



Cartas existem desde sempre, sublimando a função da escrita como algo que veio para ampliar a voz das pessoas.

O espaço de cartas deste jornal recém-nascido es-

pera as suas impressões, professor da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro.

Eis a premissa que inaugura: professores adoram uma missiva, digo, dona

carta, epístola, e-mail, postagem, mensagem, sinal de fumaça. Ou não?

Escrevam para nós: journalsme@rioeduca.net Vamos adorar saber o que pensam do *Nós da Rede*.

Prata da casa

Não nasci aluno

Não nasci aluno.
 Não nasci professor.
 Mas, ao me tornar aluno, também me fiz professor.

Naquilo que ensino, as coisas que aprendi.
 Se aprendi o que ensino,
 Como aprendem, o que imagino...
 Se tanto não ensinei.

Não nasci professor.
 Não nasci aluno.
 Mas, ao me tornar professor, o fiz por ter sido aluno.

Aluno e professor, adjuntos.
 Ensinar e aprender, elados.
 Um sem o outro, errados.

Nasci e fui aluno...
 Fiquei e sou professor!
 Aprendi, agora ensino.
 Este é o resumo de quem eu fui...
 E de quem eu sou: professor

Ana Veneno



Ana Cristian Thomé Veneno é professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental e, atualmente, diretora da Escola de Formação do Professor Carioca Paulo Freire.

É sério?

Aconteceu comigo...

Catharina Baptista

Início dos anos 1970. Escola que atendia alunos do recém-criado 1º grau (5º ao 8º ano). A diretora, professora primária

concurada para o cargo, austera, cabelos brancos presos num coque, saia abaixo do joelho e meias finas: a dona Ruth.

Ricardinho era daqueles alunos que as professoras

rezavam para que faltasse à aula. Mas, quando faltava, até dona Ruth percebia.

Um dia, após uma semana ausente, reapareceu.

Dona Ruth chamou-o ao gabinete e, depois de um sermão, perguntou o

que acontecera. Ricardinho respondeu:

– Meu irmão morreu, diretora.

– Sinto muito, meu filho. Morreu de quê?

– De overdose.

– Over... o quê? O que é isso, Ricardinho? Nunca ouvi falar nessa doença.

Catharina Harriet Baptista é PII, atualmente assistente II da Gerência de Mídia-Educação/SME.

Corpo docente, corpo que sente

(Re)conhecer, amar e cuidar

Grazielle dos Santos
Barbosa de Jesus

Falo para você, professor ou professora, mas, em vez de focar o profissional, venho falar diretamente para você enquanto indivíduo. Venho tratar de vida, autoconhecimento e autocuidado, e propor algumas ações em prol da qualidade no viver.

O que tem feito você sorrir? O que o acalma? O que faz você focar alguma coisa? O que o equilibra? Essas são questões simples, mas que necessitam de reflexão para serem respondidas. Tente pensar sobre as mesmas. Na vida, as coisas partem de dentro para fora, ou seja, se você não está bem consigo mesmo, dificilmente conseguirá enxergar, de maneira positiva, o que está no entorno. Então, a grande questão é cuidar de você primeiro para depois cuidar e pensar no que está ao seu redor.

Pois, se você está carregando uma mochila bastante pesada, a caminhada se tornará muito mais difícil e trabalhosa. E as situações que se apresentarem podem adicionar mais peso ao fardo que já é pesado. Sendo assim, descarregar o que está pesando em sua vida possibilitará o seguir em frente de forma mais leve.

Muitas vezes, estamos tão conectados com tudo à nossa volta que não temos tempo para sentar, respirar e refletir

E esse continuar se torna mais eficiente se estiver pautado em uma organização, realizando um *mise en place* da vida. Esse termo francês significa “pôr em ordem”. E é justamente essa a proposta. Muitas vezes, você está tão conectado com tudo à sua volta que não tem tempo para sen-

tar, respirar e refletir. Vai tudo – ou quase tudo – no automático. Utilizar a lógica desse *mise en place* não significa ter menos trabalho – pelo contrário. Porém, as chances de obter êxito no que está se propondo a fazer são muito maiores.

Você já pensou em fazer um bolo de chocolate sem o cacau? A pressa faz com que a gente esqueça itens imprescindíveis para a realização, desde as pequenas coisas até as mais significativas. Com a organização prévia, é possível verificar os ingredientes que temos e o que falta, comprar ou conseguir o que não possuímos e/ou partir para

uma nova receita, se assim desejarmos. Percebe quanto a organização é útil? Esse modo de pensar vale também para a nossa vida.

Finalizo o texto adicionando um neologismo: “esperação”, que nada mais é do que a esperança mesclada com a ação. Uma das Leis de Newton nos diz sobre a tendência dos corpos permanecerem no seu estado de equilíbrio. A “esperação” relaciona-se com essa lei no sentido de que depende de cada um de nós permanecer em repouso ou em movimento. Teremos consequências em quaisquer dos estados em que es-

tivermos. Mas por que continuar focando o que não está trazendo felicidade ou satisfação ou prazer para você? Pensar positivo é bastante relevante para encarar a vida de maneira mais suave, mesmo frente a situações adversas; entretanto, muitas vezes esperar não é o bastante. Temos que agir em prol daquilo que nos faz bem, que faz o coração pulsar mais forte e os olhos brilharem. É um convite e um desafio. Depende de você.

Grazielle dos Santos
Barbosa de Jesus é PII e
PI de Inglês, atualmente
diretora-adjunta da
Creche Municipal
Morro da Paz/4ª CRE.

